

DIFICULDADES E DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Amanda DE MATTOS PEREIRA MANO¹

Angela Maria DOS SANTOS MARCHELLO²

RESUMO

Diante da diferença entre dificuldades e distúrbios de aprendizagem, o presente artigo teve por objetivo conhecer as concepções de professores de séries iniciais do ensino fundamental acerca das dificuldades e distúrbios de aprendizagem, especificamente sobre dislexia e TDA/H. Para tanto, utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário, sendo os dados obtidos submetidos à análise de conteúdo. Em suma, os resultados mostraram que os participantes não têm conhecimento adequado para diferir distúrbios de dificuldades e apresentam definições confusas. Destaca-se a importância dos professores conhecerem tais abordagens para que suas intervenções pedagógicas estejam a serviço de uma efetiva aprendizagem.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Distúrbios de aprendizagem. Concepções.

ABSTRACT

Before the difference between difficulties and learning disabilities, this article aimed to know the conceptions of the early grades elementary school teachers about the difficulties and learning disabilities, specifically dyslexia and TDA/H. For this purpose, it was used as data collection instrument a questionnaire, and this was submitted to content analysis. Thus the results showed that participants do not have appropriate knowledge to distinguish difficulty disorders and showed confusing definitions. It highlights the importance of teachers know such approaches for their teaching interventions be at the service of effective learning.

Keywords: Learning disorders. Learning disabilities. Conceptions.

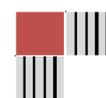
INTRODUÇÃO

Em todas as etapas de nossa vida passamos pelo processo de aprendizagem. Em linhas gerais, pode-se dizer que a aprendizagem diz respeito ao processamento das informações que recebemos, por meio de transmissão social, em áreas específicas do cérebro com a finalidade de construir conhecimentos específicos sobre temáticas distintas as quais fazem parte de nossos interesses e da realidade que vivemos.

Neste sentido, o ambiente escolar torna-se um local bastante solicitador no tocante à aprendizagem. Os alunos são submetidos a uma imensa gama de conteúdos sobre os quais precisam pensar e refletir e, a partir disso, são capazes de construir suas

¹ Doutoranda em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, Marília/São Paulo/Brasil. E-mail: amanda_mattosbio@yahoo.com.br

² Professora da rede estadual de ensino do São Paulo. E-mail: profaespanholangela@yahoo.com.br



próprias ideias. No entanto, sabe-se que nem todas as crianças apresentam o mesmo ritmo de aprendizado, ou ainda, muitas não alcançam os resultados esperados para a série/ano que estão matriculados.

A não aprendizagem pode ser explicada, de maneira muito geral, por dois fatores, sendo um primeiro de ordem pedagógica quando a dificuldade está estritamente ligada com o modo de ensino, isto é com a forma como os conteúdos são apresentados à criança ou adolescente. O segundo fator está ligado ao campo neurológico, no qual o não aprender está relacionado ao funcionamento cerebral propriamente dito.

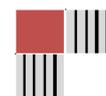
DIFICULDADES E DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM

De acordo com o levantamento de Sisto (2007), no ano de 1988, o *National Joint Committee of Learning Disabilities* (NJCLD), buscando promover uma definição sobre o termo dificuldade de aprendizagem publicou que as dificuldades estão ligadas a um conjunto de transtornos que se manifestam por meio de problemas, por exemplo, na escrita e na matemática e que podem acometer qualquer pessoa de inteligência normal ou superior, em qualquer momento de sua vida.

A definição apresentada pelo NJCLD está diretamente ligada com as dificuldades de aprendizagem, de caráter pedagógico. No entanto, o termo *learnig disabilities* cuja tradução relaciona-se com “incapacidades de aprendizagem” foi traduzido e interpretado em nosso país como distúrbios de aprendizagem.

Entretanto, ao tentarmos descrever a diferença entre distúrbios e dificuldades de aprendizagem nos deparamos com alguns equívocos na literatura, pois muitas vezes o termo distúrbio de aprendizagem aparece como sinônimo de dificuldade de aprendizagem, problema de aprendizagem e dificuldade escola. Isto ocorre, principalmente, pela tradução errônea do termo proposto pelo NJCLD, *learning disabilities* (CARVALHO; CRENITTE; CIASCA, 2007).

Embora haja essa confusão na definição difundida pela má tradução e interpretação do termo, cada vez mais pesquisadores (SISTO, 2007, MARTINELLI, 2007, TACCA, 2004, SIQUEIRA; GURGEL, 2011) são categóricos ao afirmar que as dificuldades de aprendizagem não estão ligadas a nenhuma questão de caráter orgânico, ao passo que os distúrbios incidem nesta questão.



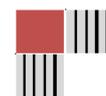
Dessa forma, podem existir alunos com problemas de aprendizagem situacionais, ou seja, na aprendizagem formal da escola; problemas de interação; problemas emocionais; ou um combinado destas variáveis (BARTHOLOMEU; BARTHOLOMEU, 2009). Segundo Drowet (2001), dificuldades de aprendizagem tornam-se diferentes dos distúrbios de aprendizagem, pois estes últimos são problemas de ordem neurológica, com perdas físicas, sensoriais, emocionais e intelectuais, enquanto as dificuldades de aprendizagem podem ocorrer em crianças que não apresentam nenhum destes problemas citados, mas apresentaram algum atraso escolar, em alguma época da vida.

Ademais, Pelissari (2006) complementa que as crianças com dificuldades de aprendizagem não apresentam comprometimento físico, sensorial, intelectual ou emocional e por muitos anos, tais crianças têm sido estudadas, mal diagnosticadas ou maltratadas e as dificuldades que demonstram têm recebido várias nomeações: disfunção cerebral, lesão cerebral, distúrbio de aprendizagem ou problemas de aprendizagem.

Em nossa sociedade, a aprendizagem tem um valor cultural, uma vez que o bom desempenho escolar é indicativo de futuro sucesso social e sempre houve uma preocupação com as crianças que tinham dificuldades para aprender, mas com a gratuidade no ensino fundamental o acesso à escola deixou de ser restrito, conseqüentemente, aumentaram-se as queixas sobre alunos que tem dificuldades de aprendizagem. Neste contexto, surgiu o mau desempenho escolar que se apresenta como um rendimento escolar, habilidades cognitivas e escolaridade abaixo do esperado para determinada idade (SIQUEIRA; GURGEL, 2011).

Sendo assim, os problemas de ordem pedagógica estão relacionados ao modo como os conteúdos chegam até a criança. Dessa forma, a maneira como os conteúdos curriculares estão organizados ou ainda, o modo como o professor realiza suas atividades em sala de aula pode não estar favorecendo a construção de conhecimentos por parte do educando.

Os problemas de ordem biológica estão relacionados à condição clínica do aluno, isto é, são problemas de ordem neurológica que justificam o atraso na aquisição dos conteúdos escolares. Nesse caso, o aluno apresentará dificuldades de aprendizagem, mas de caráter mais permanente, uma vez que é algo intrínseco ao sujeito.



Em ambos os casos, é o professor o primeiro a estar em contato com tais dificuldades. Sendo assim é importante que tal profissional esteja preparado para identificar essas dificuldades ou distúrbios para que suas intervenções pedagógicas sejam mais adequadas e, ainda, quando necessário, o docente seja capaz de encaminhar o aluno ao tratamento especializado.

DISLEXIA E TDA/H

A dislexia é definida como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração. É considerado o distúrbio de maior incidência nas salas de aula (LUZ, 2010).

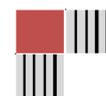
Este distúrbio é um obstáculo para a aprendizagem na medida em que impede o pleno desenvolvimento da leitura e da escrita. As crianças com dislexia apresentam dificuldades em construir e desenvolver a leitura e a escrita, mas, apesar destas dificuldades, as crianças disléxicas apresentam intelecto normal ou até mesmo superior e, por isso, podem se destacar em áreas que não dependem, exclusivamente, dessas habilidades (VIEIRA, 2008).

Vale ressaltar que nem toda criança que troca que troca letras é disléxica, pois se o foco da alfabetização está na expressão escrita pautada na oralidade, então trocar tipos de letras, tais como T e D, F e V que são parecidas foneticamente e juntar letras de forma aleatória são ações normais do processo de alfabetização.

Entretanto, a diferença entre um aluno com dificuldades normais do processo de aprendizagem e do disléxico está no tempo em que essas dificuldades se manifestam, ou seja, essas dificuldades no disléxico são duradouras por terem causa neurológica com históricos hereditários. Podemos dizer, então, que é um transtorno de ordem neurobiológica.

Outro distúrbio de aprendizagem refere-se ao transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDA/H). Tal distúrbio é uma causa comum de mau desempenho escolar, isto é, menor tempo de estudo ou estudos inacabados, necessidade de recuperação paralela e até mesmo expulsões.

Esses sintomas de baixo rendimento escolar estão associados às dificuldades na realização das tarefas. Sua característica essencial é o padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade (SIQUEIRA; GURGEL, 2011).



Assim como a dislexia, esse distúrbio possui base neurobiológica e forte hereditariedade. Observa-se que os sintomas têm início por volta dos 3 a 7 anos e persiste na adolescência e vida adulta em mais da metade dos casos (SIQUEIRA; GURGEL, 2011).

Estes mesmo autores evidenciam que o TDA/H está ligado a um pior desempenho escolar, principalmente em matemática. Além dessa disciplina escolar, as crianças acometidas por esse distúrbio também podem apresentar dificuldade de leitura devido às deficiências na atenção, memória de trabalho, funções motoras e neurológicas responsáveis por executar as tarefas.

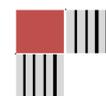
Diante do exposto, o objetivo do presente artigo foi conhecer as concepções de professores de séries iniciais acerca das dificuldades e distúrbios de aprendizagem, especificamente sobre dislexia e TDA/H.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa. Para a realização dessa pesquisa contou-se com a participação 15 professores de séries iniciais do ensino fundamental de duas escolas estaduais, sendo uma do município de Garça, SP e outra do distrito de Jafa, SP.

Inicialmente, as escolas participantes da pesquisa foram contatadas e informadas quanto aos objetivos do estudo. Posteriormente, de forma aleatória e considerando como critério de inclusão a concordância em participar da pesquisa foram selecionados professores de séries iniciais do ensino fundamental.

Para a coleta de dados, os docentes participaram da aplicação de um questionário. As questões que compuseram o questionário foram: 1) Qual sua formação inicial?; 2) Qual seu tempo de atuação nas séries iniciais do ensino fundamental?; 3) Você sabe o que são dificuldades de aprendizagem?; 4) E distúrbios de aprendizagem? O que você sabe?; 5) Você sabe o que é dislexia? Quais são as principais características?; 6) Você sabe o que é TDA/H?; 7) Já teve algum aluno que apresentou alguma característica que você identificasse como uma dificuldade ou um distúrbio?; 8) Em caso de resposta afirmativa (questão 5). Qual atitude você tomou? 9) Você se considera seguro para identificar um aluno com dificuldades ou distúrbios?; 10) Você tem acesso a informações sobre essa temática? Como?



Ressalta-se que tal instrumento de coleta de dados foi aplicado coletivamente no horário de atividade de trabalho pedagógico coletivo (ATPC) das escolas participantes. Posteriormente, os dados foram analisados de acordo com a análise conteúdo, proposta por Bardin (1988). Para tanto, categorizamos e analisamos as respostas quanto ao seu conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em razão dos limites deste artigo apresentaremos as respostas referentes aos conhecimentos dos professores acerca das dificuldades e distúrbios de aprendizagem, bem como seu conhecimento sobre a dislexia e TDA/H.

Antes de iniciar a apresentação dos resultados, vale ressaltar que todos os professores participantes tinham formação inicial em Pedagogia. Ademais, em sua maioria (67%) os professores apresentaram tempo de atuação profissional nas séries iniciais entre 1 a 5 anos.

Em relação ao questionamento: “Você sabe o que são dificuldades de aprendizagem”, acompanhem as respostas e seu percentual absoluto e relativo na tabela 1, a seguir:

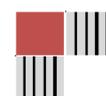
Tabela 1- Frequência e percentual de respostas encontradas acerca das dificuldades de aprendizagem

Categoria de resposta	Frequência	Percentual (%)
Não sabe	1	6,6
Definição mais adequada	4	26,7
Definição menos adequada	10	66,7
Total	15	100

Fonte: dados da pesquisa.

Pode-se observar que sobre este assunto tivemos 1 professor que afirmou não saber sobre dificuldades de aprendizagem e somente 4 professores ou 26,7% se aproximaram da definição sobre as dificuldades de aprendizagem mais pertinentes com a literatura da área. Acompanhem alguns excertos:

P15: Dificuldades de aprendizagem são as causas dos sujeitos que não aprendem e está relacionado ao não entendimento dos conteúdos pedagógicos.



No exemplo citado, nota-se que o professor P15 atribui a dificuldade de aprendizagem ao fato do aluno não aprender os conteúdos pedagógicos, isto é, os conteúdos trabalhados em sala de aula. Acompanhemos mais exemplos:

P13: Dificuldades em adquirir conhecimento, além de fatores relevantes como família, escola e sociedade.

P1: [...] está relacionado ao ambiente escolar e sócio familiar.

P5: São condições sociais que afetam a capacidade de aprendizagem do aluno.

Para os professores P13 e P1, as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas tanto ao ambiente escolar quanto ao social e ao familiar, fatos que não poderíamos considerar como errado, uma vez que o comprometimento das relações familiares e sociais também acarreta em prejuízos escolares, tais como as dificuldades de aprendizagem.

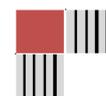
Diante da resposta do professor P5 que, embora cite apenas que são as condições sociais que afetam na aprendizagem do aluno, acredita-se que ele também se aproxima da concepção mais adequada sobre as dificuldades de aprendizagem, visto que ele procura explicar esse conceito de uma forma mais global.

No entanto, a grande maioria de nossos participantes, isto é, 10 professores que correspondem a 66,7% da amostra apresentaram respostas que não condizem com a definição de dificuldades de aprendizagem. Acompanhemos alguns exemplos:

P11: É um tipo de desordem que ocorre com a criança quando inserida na escola. O mesmo não processa as informações de forma clara.

O participante P11 não nos fornece maiores detalhes sobre o tipo de “desordem” que acontece. Desse modo não é possível identificar se ele se remete a uma desordem neurológica ou pedagógica. No entanto quando ele coloca que o aluno “não processa as informações de forma clara” nota-se que esta é uma definição incorreta para os alunos com dificuldades de aprendizagem, uma vez que os mesmos não apresentam prejuízos na inteligência por isso, podem perfeitamente “processar” as informações recebidas.

P9: “São desordens que ocorrem devido a uma disfunção do sistema nervoso. Embora não haja uma deficiência (incapacidade) a criança apresenta uma discrepância entre o nível da realização esperada e atingida (seja na linguagem, escrita, matemática...)”.



Percebe-se na resposta do professor P9 que ele faz uma confusão entre distúrbios e dificuldades de aprendizagem, visto que ele acaba por confundir esta última como sendo “uma disfunção do sistema nervoso”, embora ele afirme que não existe uma falta de capacidade (a qual entendemos por intelectual) na criança. Outro exemplo:

P7: A criança com transtorno de aprendizagem tem uma linha desigual em seu desenvolvimento [...] Esta desordem afeta a capacidade do cérebro em receber e processar informações.

No caso do participante P7 essa resposta estaria correta, caso a tivesse colocado para definir um distúrbio de aprendizagem, haja vista as dificuldades de aprendizagem não se relacionam a quaisquer problemas no cérebro que os impede de “processar informações”. Ainda:

P10: É a dificuldade que a criança apresenta na compreensão e utilização da linguagem falada relacionada com a escrita.

P12: Apesar de tantas controvérsias podemos definir como uma perturbação em um ou mais processos psicológicos básicos envolvendo a compreensão ou utilização da linguagem falada ou escrita.

Especificamente, os participantes P10 e P12 colocam que a dificuldade é ligada a deficiência da linguagem escrita e falada. Diante disso, vale ressaltar que as dificuldades de aprendizagem podem realmente estar relacionadas ao não entendimento e execução da leitura e da escrita, mas as causas são de ordem pedagógica.

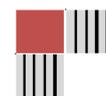
No que tange aos distúrbios de aprendizagem, perguntou-se: “E os distúrbios de aprendizagem? O que você sabe sobre isso?” Sendo assim observemos os resultados na tabela 2, na sequência.

Tabela 2- Frequência e percentual de respostas encontradas acerca dos distúrbios de aprendizagem

Categoria de resposta	Frequência	Percentual (%)
Não sabe	0	0
Definição mais adequada	4	26,7
Definição menos adequada	11	73,3
Total	15	100

Fonte: dados da pesquisa.

Neste questionamento nenhum dos participantes afirmou desconhecimento sobre a temática. No entanto, apenas uma pequena parcela, isto é, 26,7% da amostra



apresentou respostas que mais se aproximam da definição mais aceita na literatura.

Acompanhemos alguns excertos:

P13: São distúrbios de causas genéticas que aparecem na infância e frequentemente acompanham o indivíduo por toda sua vida.

O professor P13, ainda que não relacione os distúrbios, a alguma disfunção do sistema nervoso, coloca corretamente que as causas são genéticas e não há “cura”. Em outros exemplos:

P15: Distúrbios de aprendizagem são mais difíceis de serem identificados, pois se trata de uma disfunção neurológica, ou seja, insucesso na escrita, na leitura e cálculo.

P4: São caracterizados problemas no sistema nervoso central que fazem com que os indivíduos tenham dificuldades em aprender conteúdos e atividades.

Percebe-se tanto na resposta do participante P15 quanto na do P4 que ambos associam o distúrbio a alguma alteração no sistema nervoso que ocasionam prejuízos no aprendizado de conteúdos, em diversas áreas.

Conforme observado na tabela 2, anteriormente apresentada, tem-se um elevado percentual, por volta de 73% de professores que não apresentam uma definição mais apropriada sobre os distúrbios de aprendizagem. Vejamos alguns exemplos:

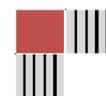
P11: Se trata de uma deficiência reversível que requer atenção e métodos de ensino apropriados.

Para P1, portanto, os distúrbios são reversíveis, o que não é correto afirmar, uma vez que tais transtornos são de ordem neurológica e acometem os indivíduos por toda sua vida. Contudo existem forma de intervenção especializada que permitem aos sujeitos uma vida escolar e acadêmica dentro da normalidade.

P7: É a dificuldade de aquisição da matéria, embora apresente inteligência normal, ou seja, não são incapazes de aprender.

Esse professor P7, não nos dá maiores detalhes sobre o porquê da dificuldade de “aquisição da matéria”, além disso, as condições neurológicas dos alunos com distúrbios de aprendizagem causam déficits na inteligência que, no entanto, podem ser contornados por meio da utilização de intervenções pedagógicas apropriadas.

P10: São inabilidades específicas em aprender em determinadas áreas do conhecimento.



P14: Uma dificuldade em adquirir conhecimentos novos. São problemas ou dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

Tanto para P10, quanto para P14 nota-se que há uma confusão com a definição escolhida para justificar o distúrbio, as quais muitas vezes se aproximam das dificuldades de aprendizagem, tanto que o professor P14 cita que são “dificuldades no processo de ensino-aprendizagem” o que é uma inverdade quando se trata dos distúrbios de aprendizagem.

No que tange aos conhecimentos dos professores acerca da dislexia observemos as respostas dos professores na tabela 3, a seguir:

Tabela 3- Frequência e percentual de respostas encontradas sobre a dislexia

Categorias de respostas	Frequência	Percentual (%)
Não sabe	0	0
Definição mais adequada	11	73,3
Definição menos adequada	4	26,7
Total	15	100

Fonte: dados da pesquisa

São interessantes os resultados obtidos com este questionamento. Ressaltamos que nenhum dos participantes desconhece o tema e, principalmente, que a grande maioria dos profissionais, isto é mais de 70% de nossa amostra, apresentam uma definição considerada adequada para definir tal transtorno. Acompanhem os exemplos:

P4: Refere-se a falha no processamento da habilidade da leitura e da escrita durante o desenvolvimento [...].

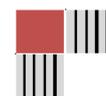
P7: Penso que a dislexia é um transtorno de aprendizagem na área da leitura e da escrita e soletração que pode ter ligação hereditária [...].

P14: É um distúrbio específico da linguagem. A criança não tem organização no espaço, forma e apresenta dificuldade em transformar letra em som.

Os professores apresentados, P4, P7 e P 14 dão definições bastante próximas do que a literatura específica da área propõe. Em geral associam a dislexia a um distúrbio específico de linguagem e escrita por razões que podem ser hereditárias.

Quanto às respostas que não se aproximaram da definição mais esperada, temos os seguintes excertos:

P11: Dislexia: dificuldade na área da leitura, escrita e soletração.



P3: É quando a criança não consegue se concentrar no conteúdo e na explicação do professor, a criança tem dificuldade para aprender e nesses casos deve ser encaminhado a um acompanhamento.

Por meio das respostas de P11 e P3, percebe-se que não há muita clareza na definição sobre a dislexia. Por exemplo, P11 só afirma que é uma dificuldade na leitura e escrita, sem afirmar suas causas e P3 apresenta uma explicação não condizente sobre a dislexia.

Ainda, os professores tiveram que responder a seguinte pergunta: Você sabe o que é o TDA/H (Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade)? Quais são as suas principais características? Acompanhem os resultados na tabela 4 em sequência:

Tabela 4- Frequência e percentual de respostas encontradas sobre o TDA/H

Categoria de respostas	Frequência	Percentual (%)
Não sabe	1	6,3
Definição mais adequada	9	60
Definição menos adequada	5	33,7
Total	15	100

Fonte: dados da pesquisa.

Diferentemente do questionamento sobre a dislexia tivemos 1 professor que afirmou desconhecer o que ela é e quais são suas principais características. Este foi um resultado que chama atenção, uma vez que, conforme fora discutido, este é o distúrbio mais diagnosticado nos escolares e muito nos preocupa o fato do professor, simplesmente, desconhecer o tema.

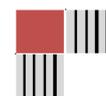
Entretanto, tratou-se de um caso isolado, pois a maioria dos participantes, 60%, mostrou ter definições mais adequadas acerca do TDA/H. Alguns exemplos:

P10: É um transtorno neurobiológico apresentado na infância de causas genéticas. A partir daí a criança se torna desatenta, impulsiva e inquieta, não consegue seguir regras.

P13: É um transtorno neurobiológico que se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade.

P1: TDA/H é um transtorno neurobiológico de causas genéticas que aparece na infância e acompanha o indivíduo por toda a vida.

Observam-se nos exemplo apresentados que tratam de definições as quais levam em conta a origem neurobiológica e hereditária, além de elencar as características presentes nesse tipo de distúrbio.



Alguns professores, que correspondem a 33,7% de nossa amostra tiveram definições menos adequadas para essa temática.

P11: Que se trata de um transtorno no desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com relação à atenção e excesso de atividades.

Para P11 este é um transtorno que tem relações com o “excesso de atividades” o que não condiz com a problemática do TDA/H, uma vez que a quantidade de atividades não seria o responsável por ocasionar esse distúrbio.

De maneira geral, os participantes de nossa pesquisa não souberam definir corretamente tantos os distúrbios quanto às dificuldades de aprendizagem. Este é um resultado preocupante, não pelo simples fato de desconhecerem um conceito, mas pelas implicações decorrentes dessa não conceituação.

Ademais, esperávamos que um maior número de professores apresentassem melhores entendimentos sobre a dislexia e o TDA/H, assuntos estes, tão presentes nas salas de aula.

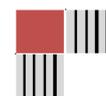
Os docentes são os primeiros a terem contato com a dificuldade dos alunos que se apresentam nas tarefas cotidianas de sala de aula. Nesse sentido, desconhecer a temática pode ocasionar sérios prejuízos para a aprendizagem dos alunos, ao mesmo tempo em que uma intervenção feita a tempo pode influenciar, positivamente, toda a trajetória escolar de muitos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou conhecer as concepções de professores de séries iniciais do ensino fundamental no que diz respeito ao que pensam sobre as dificuldades e distúrbios de aprendizagem.

Pudemos acompanhar que a maioria dos participantes apresentou definições para dificuldades e distúrbios de aprendizagem que não puderam ser enquadradas em definições completas e mais elaboradas. Certamente, isto reflete no não entendimento destas questões por parte de tais professores.

Quanto ao conhecimento dos distúrbios dislexia e TDA/H, muitos professores responderam corretamente, mas esperávamos um melhor desempenho, com definições



mais elaboradas. Ainda, chamamos a atenção para professores que desconhecem tais distúrbios.

Em sala de aula, é necessário que o professor tenha sensibilidade e tolerância com as diversas manifestações das dificuldades e distúrbios de aprendizagem. Certamente, ele é um dos profissionais responsáveis por auxiliar os estudantes a ultrapassar suas dificuldades.

Nesse sentido, o professor deve estar atento. É ele que deve reconhecer tais dificuldades e encaminhá-lo a uma equipe multidisciplinar de profissionais como, fonoaudiólogos, psicopedagogos, neurologistas, etc.

De forma alguma, este estudo se apresenta numa tentativa de culpabilizar o professor. É sabido de todas as carências da formação inicial. Nesse sentido, os resultados desse artigo vem corroborar com a importância da formação continuada de professores, sobretudo, sobre a temática em questão.

O presente estudo tratou-se de um diagnóstico e sabemos das limitações que o acometem, mas que abrem caminhos para novas pesquisas. Muitos questionamentos sobressaíram dos resultados: como os professores fazem suas intervenções pedagógicas específicas para cada distúrbio? Como fazê-la? O que se tem feito no âmbito de formação continuada para uma melhoria da compreensão dos professores sobre a temática? Há, de fato, muito a ser pesquisado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

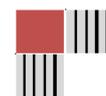
BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BARTHOLOMEU, D.; MACHADO, A. F. ; BARTHOLOMEU, L. L.; MONTIEL, J. M. Dificuldades de aprendizagem na escrita e ansiedade acadêmica. In: MONTIEL, J. M.; CAPOVILLA, F., C. **Atualização em transtornos de aprendizagem**. São Paulo, SP: Artes Médicas, 2009.

CARVALHO, F. B.; CRENITTE, P., A., P., CIASCA, S. M. Distúrbios de aprendizagem na visão do professor. **Psicopedagogia**, São Paulo, n. 75, v. 24, p. 229-239, 2007.

DROWET, R. C. R. **Distúrbios de Aprendizagem**. São Paulo, SP: Ática, 2001.

LUZ, M. A. P. C. **Dislexia-dificuldades específicas nos processamentos da linguagem**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/113.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.



MARTINELLI, S.de C. Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, F. F. e BORUCHOVITCH, E. (Orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PELLISSARI, A. R. M. S. **Dificuldade de aprendizagem em escrita: autoconceito e autoaceitação**. 115p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SIQUEIRA, M.S.; GURGEL-GIANETTI, J. Mau de desempenho escolar: uma visão atual. **Rev.Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, n.1, v. 57, p. 78-87, 2011.

SISTO, F. F. Dificuldade de aprendizagem. In: SISTO, F. F. e BORUCHOVITCH, E. (orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TACCA, Maria Carmen V. R. Além de professor e de aluno: a alteridade nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. In: SIMÃO e MARTÍNEZ (Orgs). **O outro no desenvolvimento humano**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

VIEIRA, A. M. J. Distúrbios de aprendizagem: dislexia. **Rev. Coordenação Pedagógica**, Belo Horizonte , n. 2, v. 1, , ago/dez, 2008.

